

As aquarelas de Miranda.
Uma proto-história dos quadrinhos brasileiros no Século XVIII
Athos Eichler CARDOSO¹

Resumo

O autor pesquisou na literatura iconográfica luso brasileira, nas obras artísticas em murais, azulejos, paredes, tetos de templos, palácios e monumentos diversos, do Século XVI ao Século XVIII, o tema da proto história dos quadrinhos. O objetivo era encontrar um exemplo que, ao lado da Coluna de Trajano e da Tapeçaria de Bayeux, representasse o Brasil na historiografia acadêmica dos quadrinhos. Encontrou-o no conjunto de 39 aquarelas que anexadas a relatórios formais ilustram os fatos acontecidos com a expedição, em 1771, do Coronel Botelho aos sertões de Tibagi com a intenção de catequizar índios ali existentes. Baseado nas cenas ilustradas e nas imagens sucessivas, estilo seiscentista, concluiu-se que as aquarelas do pintor Miranda, pela maior proximidade com as HQ atuais, são um exemplo de proto-história mais qualificado que as obras citadas.

Palavras chaves: História em Quadrinhos, Proto-história, Iconografia, Joaquim Miranda, Sertões de Tibagi.

Nossos pensamentos e sonhos manifestam-se em figuras. As crianças reconhecem e interpretam uma imagem visual bem antes de ter começado a aprender a ler. O mesmo acontece com adultos, indiferente o grau de cultura, que não necessitam de tradutores para entender uma figura ou sequência delas, desde que simples.

A história dos quadrinhos é muito vasta. Inicia-se com as inscrições nas cavernas da era paleolítica, passa por hieróglifos em papiros egípcios, frisas de feitos de Hércules em cerâmicas gregas, recebe aperfeiçoamentos nos álbuns de Rodolphe Topffer e nos quadrinhos realistas de Agostini. Incorpora o balão e atinge a época de ouro com heróis americanos e chega até a atualidade com as *graphic novels*.

Há de tudo neste longo percurso. Algumas HQ são resumidas a alguns rabiscos na parede de cavernas, nas inscrições em alguma rocha ou pinturas em torno da beirada de um prato. Outras contam uma história de maneira mais precisa e longa em relação àquelas e são esculpidas no mármore como a Coluna de Trajano e a bordada em tecido na Tapeçaria de Bayeux. Elas são consideradas exemplos clássicos, porém não deixam de ser proto-histórias das HQ, pois são histórias primitivas pertencentes aos primeiros tempos históricos do gênero embora num patamar mais elevado.

¹ Athos Eichler Cardoso é pesquisador de literatura popular. Publicou *O Que é aventura* (Coleção Primeiros Passos, Brasiliense, 1988), *As Aventuras de Nho-Quim & Zé Caipora. As primeiras HQ brasileiras de A. Agostini* (Senado Federal, 2002) e *Memórias d'O Tico-Tico. Juquinha, Giby e Miss Shocking de J. Carlos* (Senado Federal, 2009).

O objeto desta pesquisa é uma proto-história do contexto histórico luso brasileiro, bem mais moderna, que o autor batizou com o nome de *As Aquarelas de Miranda*, reproduzidas da coleção de Beatriz e Mario Pimenta Camargo, no livro da professora Glória Kok, *O Sertão Itinerante. Expedições da Capitânia de São Paulo*.

A coluna de Trajano (113AD), em exposição em Roma, é famosa por relevos espiralados com 190 metros de comprimento que cobrem a estrutura de 30 metros de altura com um diâmetro de três metros e setenta. Esses frisos adornados artisticamente com imagens descrevem as duas guerras entre romanos e os bárbaros dacianos nos anos 101-102 e 105-106 AC.

As inscrições mostram, principalmente, cenas militares, preparativos para a guerra, deslocamentos e batalhas. As figuras, que chegam a 2.500, apresentam marinheiros, soldados, políticos, sacerdotes. E o Imperador Trajano aparece 59 vezes entre suas tropas. A coluna oferece um conjunto valioso de informações da guerra entre romanos e bárbaros.

A Tapeçaria de Bayeux celebra os feitos do rei normando Guilherme, o conquistador, que atravessou o canal da Mancha e conquistou a Inglaterra então habitada pelos anglo-saxões, vencendo a batalha de Hastings (1.066 DC) na qual morreu o rei inglês Harold. Os normandos dominaram a Inglaterra por cerca de 300 anos. Trata-se de um dos mais importantes trabalhos que sobreviveram a Idade Média, bordada com lã colorida em oito longas tiras de linho costuradas juntas para formar um painel contínuo de cerca de 70 metros. Apresentam pessoas, cavalos, cães, árvores, navios e armas. As frisas superior e inferior mostram imagens das fábulas, resumidas, de Esopo. A tapeçaria pode ser dividida em várias seções num total de 32 a 58 cenas conforme a interpretação dos analistas.

Muito depois dos trabalhos citados, colocando-se como dos primeiros exemplos de proto-história dos quadrinhos mundiais temos um conjunto de cenas pintadas, as quais denominamos *As Aquarelas de Miranda*. Trata-se de 39 aquarelas numeradas, todas medindo 42,5 x 55 cm, representando uma sequência de cenas que narram a história de uma expedição no interior do Brasil do Século XVIII, cuja autoria é atribuída a Joaquim José de Miranda. Esse desenhista e pintor cuja biografia é desconhecida, registrou-a, utilizando-se da aquarela que consiste na utilização de uma massa com pigmentos de várias cores dissolvida em água (aquarela), utilizada sobre papel permitindo um meio de expressão delicado, transparente, de difícil execução. O aquarelista deve trabalhar rapidamente, sem se deter em minúcias e, sem poder sobrepor a tinta para retoques. Mesmo assim, Miranda, exímio artista, descreve com bastantes detalhes, no estilo renascentista, como num anexo

iconográfico, a décima Expedição aos Sertões do Tibaji, chefiada pelo Tenente Coronel Afonso Botelho de Sampaio e Sousa.

Esse militar português, nessa e nas nove expedições anteriores, percorrera, entre 1768 e 1774, por ordem superior, o território em redor dos rios Registro e Tibagi, no interior do atual estado de São Paulo. Essa região era, na época, habitada pelos cainguangues, também conhecidos como índios do grupo Jê, originários do Brasil Central, que se dispersaram pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

O motivo das expedições era, segundo a orientação de Portugal, a propagação da fé, introduzindo a crença de Jesus Cristo entre os selvagens. Ao mesmo tempo recomendava-se que fossem tratados com extremo carinho, cumprindo os acordos realizados e animados com presentes para que participassem da religião e obedecessem ao Soberano.

Na verdade o que os portugueses queriam era confirmar os novos territórios, criados entre os tratados de Madrid (1750) e de Santo Ildefonso (1777), para a coroa de Portugal. Descobrir minas de ouro que o Tenente Coronel Botelho insinuara existirem em seus relatórios. Tudo dentro dos interesses da política do Marquês de Pombal, primeiro ministro que governava de fato o reino de Portugal.

Na décima expedição aqui tratada, o Tenente Coronel Afonso Botelho que vamos tratar como coronel Botelho ou comandante, acampou com sua tropa na margem do rio Jordão, em dezembro de 1771. No dia 15, depois de uma missa, transpôs o curso d'água para explorar os campos da outra margem acompanhado de três capitães de cavalaria pertencentes a tropa auxiliar de Curitiba.

Ao entardecer a tropa encontrou um grande rancho e sinais de que indígenas passaram por ali cerca de oito dias antes. No dia seguinte, na continuação de uma trilha encontraram outra edificação, também deserta, em que o coronel encontrou objetos manufaturados dos índios, como sinal de escambo e o militar também deixou-lhes uma carapuça vermelha, facas e miçangas.

À medida que os exploradores avançavam foram encontradas mais habitações semelhantes até que nos dias 16 e 17 de dezembro deu-se o encontro com os cainguangues, também chamados de coroados e bugres, segundo o etnólogo alemão Curt Nimuendaju.

Com esse encontro começa a documentação pictórica, sequencial, que conta, como numa HQ de aventura, os incidentes vividos pela expedição e ilustraram os três relatórios descritivos da mesma, acompanhados ainda de uma carta corográfica indicando acidentes

geográficos e a localização dos aldeamentos indígenas. Tudo enviado ao governador de São Paulo, Don Luis de Sousa Botelho de Mourão.

As três primeiras aquarelas deste artigo apresentam as personagens índias, homens e mulheres, como uma introdução antropológica. A primeira (Figura 1) mostra dois guerreiros da tribo cainguangues, armados. Um portando arco e flecha o outro borduna. Por pudor o pintor cobriu o sexo com uma folha de parreira.



Figura 1 - Guerreiros índios

As duas seguintes (Figura 2 e 3), uma mesma índia, mostra, em várias poses, sua vestimenta tradicional e trajas europeus. Numa delas se olha no espelho (Figura 3).



Figura 2 - Mulher índia à européia e original



Figura 3 - Índia ao natural e vaidosa com saia olhando no espelho

Na cena 6 (Figura 4), o capitão Francisco Carneiro Lobo, chefiando uma patrulha de reconhecimento formada de quatro cavaleiros, entre eles o Tenente Cascais, encontram pela primeira vez, um casal de índios que estava, com cinco filhos, apanhando pinhão junto a um lago. Segundo o relato, os cavaleiros seguiram pela trilha até o pequeno grupo que tentou fugir. Os cavaleiros a galope os alcançaram, exceto a mulher que se escondeu no mato próximo. Os militares fizeram-lhes, de longe, sinais de paz, batendo palmas, conseguindo que o índio, sobressaltado e muito assustado, parasse.



Figura 4 - Os militares avistam os índios junto ao lago

Na cena 7 (Figura 5), é ilustrado o primeiro contato entre duas culturas distintas. Procurando estabelecer encontro amistoso com os índios, o Tenente Cascais tira o barrete vermelho que usava na cabeça e oferece ao índio que fica receoso de recebê-lo. A índia,

assustada, refugiada na orla da mata próxima, fica olhando para trás para ver o que acontece com o marido e filhos.



Figura 5 - O tenente Cascais oferece seu gorro ao índio

Cena 8 (Figura 6) - O tenente toma a iniciativa de tentar atrair os índios. Apeia com os demais, e coloca o barrete na cabeça do selvagem espantado. Enquanto isso os demais cavaleiros estão reunidos com os curumins.



Figura 6 - O tenente face a hesitação coloca a gorra na cabeça do índio

Cena 9 (Figura 7) - O tenente procurando agradar ainda mais despe a bata vermelha e veste-a no índio. Ao mesmo tempo seus companheiros tiram as suas e vestem os filhos do casal.



Figura 7 - Os militares vestem os índios com suas roupas

Cena 10 (Figura 8) - Vestidos os índios, pai e filhos, o tenente Cascais dá um facão ao índio que fica muito satisfeito. A índia, da beira da mata, continua observando o que se passa.



Figura 8 - O tenente Cascais presenteia o índio com uma faca.

Cena 11(Figura 9) - O tenente que está praticando a conversação mostra onde o seu comandante está acampado e convida o índio para visitá-lo. Ele promete fazer a visita com mais companheiros e se despede.



Figura 9

Cena 12 (Figura 10) - Os militares tomam o caminho de volta. A mulher vai saindo do mato e o índio aponta para onde estão indo os cavaleiros.



Figura 10 - Os militares retornam ao acampamento

Cena 13 – Retrata o acampamento. O tenente Cascais e os integrantes da patrulha conversam com o Coronel Botelho frente aos barracões do quartel improvisado . Vindo da esquerda uma equipe, em trajes de caçadores, retornam ao acampamento.

Cena 14- Chega um grupo de oito índios guiados por aquele que os militares haviam contatado e vestido um dia. O Coronel Botelho aparece com mais gente no arranchamento.

Cena 15- Os índios vêm chegando muito receosos. Botelho manda dois militares já conhecidos para recebê-los.

Cena 16 – Os índios chegam e há uma confraternização. O comandante Botelho abraça o primeiro e os demais militares os outros. Todos festejam muito. Um grupo de soldados permanece alerta com as armas na mão.

Cena 17 – O Coronel Botelho veste a sua camisa num índio e os outros militares o imitam.

Cena 18 – Os índios com as roupas que receberam e vestiram. Dois deles vão correndo chamar os companheiros que estavam aguardando no mato.

Cena 19 – Os dois índios regressam com mais oito da sua tribo. Mais uma vez Botelho providencia vestimentas. No canto direito soldados estão com armas nas mãos. O coronel relata que pediu que atirassem suas flechas o que eles prontamente fizeram. Em troca pediram que os militares também disparassem a suas. O comandante resolveu então fazer um tipo de tiro ao alvo e pediu que os índios disparassem setas novamente. Desta vez num pedaço de couro que jogou para o alto. Os índios erraram. Botelho pediu que atirassem o couro novamente e então disparou com tal felicidade que acertou toda a carga no alvo; os índios examinaram o couro e admiraram-se ao constatar que a carga havia o havia transpassado.

Cena 20 – Os militares tiram toda a roupa e vestem os recém chegados ficando alguns sem camisa, cobertos por ponche.

Cena 21- Os índios se despedem e rogam ao comandante que visite o arranchamento deles distante duas léguas e lhe mostram o caminho. O militar promete ir.

Cena 22- O coronel cumpre a promessa e visita os índios que o esperam alvoroçados.

Cena 23- Ao chegar, dois índios, os mais animados, vão receber o militar. Convidados por acenos e gestos os militares entram nos ranchos. O comandante relata posteriormente que foram convidados a entrar na oca e levados para junto do fogo onde estavam assando pinhões.

Cena 24- Os militares apeiam dos cavalos e entram no arranchamento índio de onde as mulheres e filhos pequenos se afastam. Por meio de acenos e gestos os nativos convidam os visitantes a entrar nos ranchos.

Cena 25 – Os índios presenteiam o comandante Botelho e aos seus camaradas com algumas bordunas, arcos e flechas.

Cena 26 - Os militares se afastam com as armas dos índios e esses ficam mostrando o que receberam deles.

Cena 27 - O comandante chega ao seu acampamento no Porto do Pinhão e os camaradas pegam as armas dos índios e ficam admiradas com elas.

Cena 28 - Os índios, em visita, aparecem em frente do acampamento dos militares e vão transpando rio Jordão.

Cena 29 - O comandante manda vestir os índios que chegaram e os outros mais continuam passando o rio.

Cena 30- Os índios partem admirados pela liberalidade com que foram tratados.

Cena 31- Caçadores encontram os índios no campo e conversam com eles.

Cena 32- Aparecem índios da outra parte do rio e dois soldados vão saber o que querem. Os militares no acampamento observam o que se passa.

Cena 33- Os índios chegam numerosos e dispostos a traição que haviam premeditado.

Cena 34- Os índios são convidados a chegar e uma índia é vestida com uma roupa de chita que haviam preparado. Os outros recebem peças variadas.

Cena 35 (Figura 11) - O coronel Botelho aparece sentado e cercado por seis crianças índias. Um selvagem adulto fica por detrás dele esperando a oportunidade para matá-lo. Outro grupo mostra os capitães e o padre capelão próximo a uma índia que tentam catequizar.

Os índios aguardam o momento propício para matar a todos. O capitão Carneiro, na outra margem, a direita da tela, aparece regressando ao acampamento.

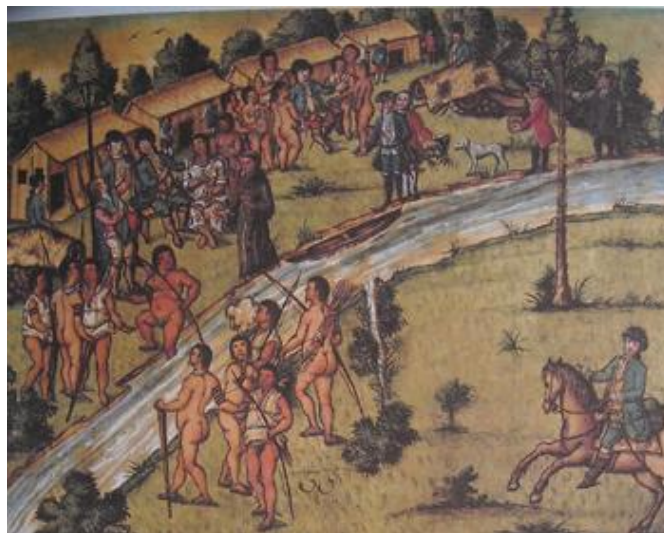


Figura 11 - O capitão Carneiro volta para dar o alarme

Cena 36 (Figura 12) - Ilustra o combate em que os índios atacando, corpo a corpo, militares desprevenidos. Com flechas e bordunas massacram seis deles. O capitão Carneiro, espada desembainhada, a galope no seu cavalo, escapa do alcance das flechas e bordunas.

Aconteceu que o grupo de militares chacinados, sem ordem e sem avisar ninguém, passou para a outra margem. Estavam desarmados e a pé, exceção do capitão Carneiro montado. Os índios os iludiram e amáveis os levaram para a contra encosta de uma colina de onde não eram avistados do acampamento. Ali esperavam uma multidão de outros selvagens emboscados que mataram a todos.

O capitão Carneiro que se atrasara, afastando-se do grupo para dar água ao cavalo, avistou do alto da sela um soldado morto no chão e percebendo que se tratava de uma emboscada dissimulou e quando conseguiu ganhar alguma distância disparou em fuga. Ele escapou das flechas e foi contar aos companheiros a ferocidade e a traição dos índios.



Figura 12 - Retrospecto da emboscada que chacinou os soldados. E o capitão Carneiro em fuga.

Cena 37 – Representa a retirada às pressas dos *cainguangues*. Os índios avistando o capitão Carneiro na outra margem do rio perceberam que ele tentava dar o alarme do acontecido por acenos. Prevendo a reação correram para o vau do rio. Disfarçando a fuga, fingindo por gestos que iam buscar comida. Quando o capitão explicou o ocorrido ao comandante Botelho não pode castigá-los. Explicou no relatório que faria isso não por vingança, mas para dar-lhes castigo merecido e exemplar.

Cena 38 – Mostra uma patrulha comandada pelo Tenente Cândido Xavier no local do massacre. Ele recebera ordens de trazer para o acampamento os corpos dos companheiros mortos na emboscada e sepultá-los. O padre capelão dá extrema-unção a um militar moribundo.

Cena 39 - Falta na coleção. Mas sabe-se pelo relatório que mostrava a imagem do sepultamento dos corpos no acampamento do Porto do Pinhão. Eles foram enterrados numa cova única ao pé da qual levantou-se uma grande cruz.

O relatório informa que fora resgatado um único sobrevivente. Ele viveu 24 horas com uma ponta de flecha de pederneira (pedra dura) enterrada no corpo, que não foi possível retirar. Chegou a confessar várias vezes e quando interrogado sobre a morte dos camaradas só se entendeu ele dizer que “*os índios que pareceram mais amigos, foram os piores*”.

O relatório do comandante Botelho informa que depois desse episódio decidiu abandonar o acampamento do Porto do Pinhão. Justifica essa retirada alegando que estariam ameaçados de morrer de fome, pois dispunham de farinha somente para mais três dias e os bois do pasto, mesmo que escapassem dos gentios, chegariam para oito ou nove dias.

A gente da expedição era pouca, estava doente e debilitada pelo trabalho; que os cavalos estavam estafados de tanto explorar o território por caminhos ásperos e que se postos no serviço de ronda, em poucos dias morreriam. Desses cavalos, dois desapareceram provavelmente furtados pelos índios que já tinham matado outro por flechada. Havia motivos ainda mais sérios como a possibilidade da reunião dos índios com outra aldeia mais ao norte para atacá-los e a impossibilidade de serem socorridos a tempo pelo povoado. Outra ameaça com a demora em partir seriam as emboscadas no caminho de volta.

Devido a tudo isso, com o apoio de todos, determinara a retirada para salvar vidas e a bagagem de Sua Majestade, se permanecessem no local, seriam todas perdidas.

Cena 40 (Figura 13) – A última aquarela ilustra a retirada da tropa e equipamentos do Porto do Pinhão. Mostra momentos que antecedem a partida com os cavalos carregados.



Figura 13 - O coronel Botelho e a tropa levando a bagagem abandonam o Porto do Pinhão

Pelo relatório fica-se sabendo que a 11 de janeiro haviam partido com todas as cautelas possíveis para evitar assaltos, principalmente se os índios já tivessem ocupado a

entrada do mato que deveriam percorrer. Agradecem a Deus, que os livrou de tantos perigos e os livrou também daquele, proporcionando-lhes uma feliz viagem.

Outra preocupação era com a cavalhada porque bastaria um só dia de chuva para que a perdesse toda. Estava enfraquecida e o terreno alagado exigiria mais esforço dos animais que estavam tão debilitados que mal puderam sair com partes da bagagem fazendo marchas muito lentas. Em outro relatório especificava – “*ficaram pelo mato mais de trinta cavalos mortos e perdidos*”.

Em novembro de 1773, no ano seguinte, outra bandeira que chegou ao acampamento, encontrou vestígios da presença dos índios: uma carreta quebrada, cangalhas destruídas, a cruz que marcava as sepulturas retirada e os ossos dos seis cadáveres espalhados pelo campo.

Em conseqüência da aguerrida resistência promovida pelos cainguangues, a conquista portuguesa fracassou no sertão do Tibagi ao longo do Século XVIII. Procurando inverter a situação, uma carta régia do dia 5 de novembro de 1808 declarou guerra aos xokoxokleng, do Paraná, acusados de terem matado cruelmente todos os fazendeiros e proprietários que procuravam tomar sesmarias e cultivá-las em benefício do estado. A medida fora tomada, uma vez que foram esgotados “*todos os meios humanos para a sua civilização*”.

Conclusão

As aquarelas de Joaquim José Miranda (1771) pertencem à coleção Beatriz e Mario Pimenta Camargo, São Paulo Brasil.

Encontradas pelo pesquisador durante a leitura do livro da professora Glória Kok, historiadora e autora, intitulado *O Sertão Itinerante. Expedições da Capitania de São Paulo no século XVIII* apresentadas e analisadas sob o aspecto histórico.

Comparadas com a coluna de Trajano as aquarelas mostram-se mais semelhantes aos quadrinhos por terem suas ilustrações num suporte portátil e apresentarem-se enquadradas em telas que dispostas lado a lado permitem um entendimento mais rápido da narrativa. Além do mais são coloridas e, embora no estilo seiscentista, as cenas são mais realistas.

É um documento iconográfico muito importante porque mostra detalhes dos uniformes dos oficiais e praças da época, os tipos de espadas e a maneira como eram levadas nos cintos; o armamento da tropa e onde eram levadas as espingardas quando os portadores estavam montados; a empunhadura das espingardas e os cabides onde ficavam colocadas nos acampamentos. A vestimenta do capelão. O armamento dos índios e seu

emprego. As selas e demais arreios dos cavalos, a presença dos cães nos acampamentos e a raça a que pertenciam. A existência de equipe de caçadores para reforçar a ração da tropa e os trajes dos militares encarregados dessa atividade. O feitio das embarcações utilizadas e a sua capacidade de transporte. A maneira como era colocado o trem da expedição nos animais de carga.

É o terceiro exemplo conhecido de proto-história dos quadrinhos até agora mais importantes do mundo ocidental. Provavelmente, à medida que for difundida sua existência, serão reconhecidas e incluídas como tal nos trabalhos acadêmicos e nas enciclopédias internacionais sobre o assunto.

Referências

PERRY, George e ALDRIDGE, Alan. **The Penguin Book of Comics**. Inglaterra: Penguin Books, 1971.

KOK, Glória. **O Sertão Itinerante. Expedições da Capitania de São Paulo no Século XVIII**. Editora HUCITEC: São Paulo, 2003.

Tapeçaria de Bayeux. Disponível em: www.bayeuxtapestry.org.uk/ acesso em 12 abril 2012

Coluna de Trajano. Disponível em: <http://cheiron.mcmaster.ca/~trajan> acesso em 12 de abril 2012